

HOMOFOBIA NO ENSINO MÉDIO: O QUE PENSAM OS JOVENS?

FAZANO, Luciana Cristine – Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP/Presidente Prudente. NUDISE- Núcleo de Diversidade Sexual na Educação.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda – Professora Titular da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP/Presidente Prudente. NUDISE- Núcleo de Diversidade Sexual na Educação.

PRADO, Vagner Matias – Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP/Presidente Prudente. NUDISE- Núcleo de Diversidade Sexual na Educação.

Resumo

Este trabalho, baseado em resultados parciais de pesquisa de mestrado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP/Presidente Prudente e do NUDISE – Núcleo de Diversidade Sexual na Educação apresenta discussão sobre a dimensão da homofobia e como ela ocorre nas práticas escolares. Procura provocar reflexões sobre o gênero e as homossexualidades problematizando as identidades como construções sociais. Utiliza a teoria *queer* e os estudos sobre homofobia. Trata-se de um trabalho quali-quantitativo, onde se recorre à pesquisa bibliográfica e à análise desconstrutiva. A presente pesquisa estruturou-se a partir de quatro respostas relativas à questão de gênero e homofobia, dentro de um questionário respondido por 108 alunos de uma escola de Presidente Prudente. Os resultados parciais mostram que o educando do ensino médio mantém um discurso homofóbico, o (re) produz, quando procura manter o “status quo” do discurso heteronormativo.

Palavras-chave: Homofobia; Teoria *Queer*; Educação.

Introdução

A homofobia se caracteriza por sentimentos de ódio, aversão e desprezo contra as representações sexuais que fogem ao modelo heterossexual. O presente estudo insere-se no âmbito da Teoria *Queer*, que discute questões de gênero e sexualidade(s). Essa pesquisa, em fase de andamento, faz parte do Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP (FCT-UNESP), *campus* de Presidente Prudente; e encontra-se vinculado à Linha de Pesquisa “Processos Formativos, Diferença e Valores” e ao NUDISE, Núcleo de Diversidade Sexual na Educação. Núcleo este que tem como objetivo problematizar os mecanismos de construção dos sujeitos em suas dimensões histórica, cultural e social.

Suas indagações dizem respeito acerca das (des) construções de gênero e homossexualidades, pois, apesar de se encontrarem em evidência em estudos acadêmicos



ainda são motivos de preconceitos, já que suas discussões giram em torno da tentativa de normatizar e regular o comportamento. Sabe-se que a instituição escolar, ainda nos dias atuais, mesmo que de forma simbólica e velada, discrimina e segrega os alunos que não se enquadram nos padrões heterossexuais reprodutivos.

A pesquisa justifica-se não só através de experiência profissional (atuação como psicóloga de escola pública), mas também por acreditar que tem importância tanto teórica quanto social, já que vivemos um momento onde as práticas escolares ainda apresentam resistências às mudanças.

A escola não é um espaço de expressão da sexualidade, pelo contrário. Ela restringe o comportamento, vigia e exerce um controle sobre as atitudes do aluno. É tão hostil às manifestações da individualidade quanto às da sexualidade. Exerce mecanismos de controle social, tornando públicas as normas de comportamento, corroborando, muitas vezes para a existência da homofobia sob seus muros.

Assim, o estudo da homossexualidade na instituição escolar pode alavancar mudanças no comportamento daqueles sujeitos ali inseridos, afetando os mecanismos de relação de poder, já que os indivíduos na escola fazem parte daquele contexto e, ao mesmo tempo, o (re)produzem. Esta seria sua contribuição social: provocar reflexões sobre a homossexualidade, ao retirar seu caráter de desvio, de anormalidade, desmistificando e amenizando o preconceito gerado. Dessa forma, diminuir as manifestações homofóbicas no seu espaço.

A fundamentação teórica baseia-se nas leituras das obras da Teoria Queer (SEDGWICK, 2007; BUTLER, 2003; MISKOLCI, 2007; LOURO, 2001, 2003, 2007) e nos estudos sobre a homofobia (BORRILLO, 2009). A pesquisa também se ancora em pressupostos filosóficos de Michel Foucault (1988) e na lingüística de Jacques Derrida (2008).

Para analisar e desconstruir conceitos como a heterossexualidade compulsória e perceber as manifestações homofóbicas, a perspectiva *Queer* e os estudos sobre homofobia são fundamentais.

Objetivo

Fundamentado nos pressupostos da Teoria *Queer* (BUTLER, 2003; LOURO, 2001, 2003, 2007; SEDGWICK, 2007; MISKOLCI, 2007) que se propõe a resistir aos modelos hegemônicos de sexualidade e problematizar os saberes e as práticas opressoras de gênero,

e dos estudos sobre homofobia (BORRILLO, 2009) este estudo teve por objetivo refletir sobre as manifestações homofóbicas, analisando o posicionamento dos alunos do Ensino Médio, de ambos os sexos, entre 14 e 20 anos em relação às sexualidades invisíveis e explorando as noções de preconceito e discriminação.

Quando referimo-nos as sexualidades invisíveis estamos falando de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que ainda se encontram no denominado “closet” (SEDGWICK, 2007). Muito embora, em consequência das conquistas dos movimentos gays e lésbicos, convivem no mesmo ambiente escolar sujeitos não heterossexuais que assumem uma identidade transgressora. Mesmo as travestis e os transexuais não sendo objeto de estudo da pesquisa em questão, sentimos a necessidade de escrever algumas notas sobre elas, já que, de acordo com pesquisas do Grupo Gay da Bahia (GGB, 2008) essas identidades são as maiores vítimas de homofobia. São deslegitimadas e vistas com desconfiança tanto no discurso hetero quanto no homossexual.

Metodologia

Trata-se de um trabalho quali-quantitativo que procura analisar as representações que adolescentes do Ensino Médio da rede estadual de Presidente Prudente – SP manifestam sobre a homossexualidade. Os dados foram obtidos através da aplicação de um questionário contendo 114 questões referentes à sexualidade dos jovens nessa fase escolar¹. Das questões propostas, foram selecionadas quatro para servir como base para o presente estudo. As questões selecionadas referem-se especificamente ao preconceito e discriminação direcionadas aos sujeitos LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais).

A Teoria Queer

A teoria *queer* surgiu em meados dos anos 1980, contribuindo para a ampliação dos estudos sobre a construção cultural do gênero e da sexualidade. Descende dos estudos Gays e Lésbicos, da Teoria Feminista, da Sociologia do Desvio norte-americano e do Pós-estruturalismo francês (MISKOLCI & SIMÕES, 2007; WARNER, 1993).

¹ Se refere a pesquisa “Adolescência e Sexualidades” coordenada pelo Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho e financiada pelo PN DST/AIDS do Governo Federal Brasileiro.

O termo *queer* vem do inglês e, segundo Louro (2001), pode ser traduzido por estranho, ridículo, excêntrico, raro ou extraordinário. Por muito tempo, o termo foi utilizado como um xingamento em referência a gays e lésbicas, em tom depreciativo e homofóbico. Contudo, no sentido utilizado pela teoria, *queer* representa algo ou alguém transgressor, que não se adequa, e não quer se adequar, aos padrões de “normalidade” instituídos.

Louro (2001) acredita que *queer* é a diferença que não quer ser tolerada, assimilada, por isso, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. Os estudos *queer* surgem como uma corrente teórica que colocou em questão as formas tradicionais de compreender as identidades culturais. Estão dentro das chamadas teorias “subalternas”, que criticam o discurso hegemônico na cultura ocidental. Nesse sentido, a teoria *queer* representa:

uma reviravolta epistemológica. A teoria queer nos faz pensar queer (homossexual, mas também ‘diferente’) e não straight (heterossexual, mas também quadrado). Ela nos obriga a pensar o impensável... é, neste sentido, perversa, subversiva, irreverente, profana, desrespeitosa (SILVA, 2007, p. 107).

O lançamento do livro “*Between Men*”, de Eve Sedgwick em 1985, impulsiona a criação da teoria *queer*. Sedgwick relata que a sociedade está baseada na obrigação de ser heterossexual tornando a heterossexualidade compulsória; e também na heteronormatividade, onde todas as relações amorosas e sexuais têm como referência o casal heterossexual reprodutivo. Dessa maneira, todas as representações de sexualidade que não se encaixam nessas normas recebem o rótulo de “antinaturais”.

A teoria *queer* surge em um momento de reavaliação crítica da política de identidades buscando evidenciar de que maneira conhecimentos e práticas “sexualizam” corpos, desejos, identidades e instituições sociais numa organização fundada na heterossexualidade compulsória e na heteronormatividade (SEDGWICK, 2007; MISKOLCI & SIMÕES, 2007).

De acordo com Louro (2001), os teóricos/as *queer* se apoiam na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como método de crítica social e literária. Colocam em ação categorias e perspectivas psicanalíticas, são favoráveis a uma estratégia descentralizadora ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais normatizadas, e

imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes.

Embora impulsionada pela obra de Sedgwick, as bases epistemológicas dessa teoria se ancoram nos estudos de Michel Foucault e Jacques Derridá.

Em seu livro “A História da Sexualidade: a vontade do saber”, Michel Foucault (1988) apresenta uma historicização crítica (genealogia) em relação à construção dos discursos sobre a sexualidade a partir do século XVII. Em seu trabalho percebe que a partir dessa época pôde ser observada uma proliferação de discursos sobre o sexo com a intenção de restringir a sexualidade à reprodução da espécie humana. Para Foucault, a relação de poder estabelecida a partir dessa produção discursiva elevou a heterossexualidade como identidade “natural”, estigmatizando outras possibilidades do “vir-a-ser” humano. Ao expor a construção discursiva das sexualidades, Foucault se mostra fundamental para a teoria *queer*. O filósofo francês constrói uma história dos arquivos esquecidos e dos indivíduos silenciados, estabelecendo uma relação entre discurso, poder e verdade.

Jacques Derrida (2008) contribuiu para a teoria *queer* com o conceito de complementaridade e a perspectiva metodológica da desconstrução. A complementaridade mostra que significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, ou seja, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele, e o que parece natural é histórico. Já a desconstrução desestabiliza pares de conceitos que se apresentam como antagônicos. Como exemplo, para os teóricos/as *queer*, a oposição heterossexualidade/homossexualidade poderia ser efetivamente criticada e abalada por meio de procedimentos desconstrutivos (LOURO, 2001).

Judith Butler é uma destas teóricas, pioneiras no pensamento *queer*, assim como Eve K. Sedgwick. Butler reafirma o caráter discursivo da sexualidade, e ao mesmo tempo, produz novas concepções a respeito de sexo, gênero e sexualidade. Relata que as sociedades constroem normas que regulam e materializam o sexo dos sujeitos e que estas normas regulatórias precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para que tal materialização se concretize (BUTLER, 2003, 2007). A autora empresta o conceito de performatividade da lingüística a fim de afirmar que a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz somente uma constatação ou descrição desses corpos, mas, no instante da nomeação, constrói aquilo que nomeia, ou seja, produz os corpos e os sujeitos (LOURO, 2001).

Para Butler (2007) a heterossexualidade é compulsória, imposta, mas dá espaço para a produção dos corpos que a ela não se ajustam. Tentando garantir a compulsoriedade o discurso repete e reitera as normas que regulam a materialização do sexo. Mas sempre há aqueles que escapam da norma, que são constituídos como seres abjetos. Porém, esses sujeitos são essenciais, indispensáveis, pois fornecem o limite e a fronteira, para os corpos que materializam a norma, aqueles corpos que importam.

Nesse sentido, a teoria *queer* propõe que a naturalidade com que a sexualidade é compreendida nas sociedades contemporâneas seja desconstruída. Ao utilizar o método desconstrutivo proposto por Derrida e a historicização crítica demonstrada por Foucault, as aparentes “verdades” sobre a natureza humana se desestabilizam. Dessa maneira, sujeitos sociais que foram historicamente estigmatizados passam a ser representados e reconhecidos como cidadãos de direito, sendo a eles/elas assegurado a liberdade social e o pleno exercício da democracia.

O Discurso Homofóbico no Interior da Escola

Muitas vezes, falar de sexualidade nas escolas é entrar em um terreno mimado, já que é preciso levar em conta os valores e as normas vigentes na sociedade que regulam e normatizam o comportamento.

Para Louro (2000, p.41):

a escola está absolutamente empenhada em garantir que seus meninos e meninas se tornem homens e mulheres verdadeiros o que significa dizer homens e mulheres que correspondam às formas hegemônicas de masculinidade e feminilidade.

Diante disso, uma lacuna é aberta para que ali possa instalar-se um tema muito discutido atualmente, a homofobia.

A televisão, os jornais, a internet registram atos homofóbicos dirigidos ao público LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) a todo instante, sempre com um olhar de passividade aos atos cometidos.

Embora seja um comportamento antigo e recorrente, o termo homofobia apareceu pela primeira vez nos EUA em meados dos anos 1970. Surgiu, inicialmente, nos estudos do psicólogo americano George Weinberg, no seu livro *A sociedade e o homossexual saudável* (SMIGAY, 2002).

Segundo Borrillo (2009), a homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social àqueles ou àquelas que supostamente sentem desejo ou tem relações sexuais com indivíduos de seu próprio sexo.

A homofobia se constrói através de crenças, preconceitos, teorias, mitos entre outros, atribuindo ao homossexual certas características, tratando-os como inferiores, anormais, desviantes da regra. Aparece em forma de xingamentos, insultos, ódio, desprezo, demonstrações de violência psicológica e física.

A homofobia pode partir tanto da pessoa homossexual, que tem preconceito contra si própria, às outras pessoas homossexuais e tudo ligado a homossexualidade como também pode partir de pessoas não homossexuais para os homossexuais ou para tudo que faça referência à homossexualidade (TEIXEIRA FILHO, 2008 apud ERIBON, 1999).

Na condição de fenômeno psicológico e social, a homofobia tem raízes nas complexas relações estabelecidas entre uma estrutura psíquica de tipo autoritário e uma organização social que coloca a heterossexualidade monogâmica como ideal sexual e afetivo (BORRILLO, 2009, p. 33).

A homofobia se manifesta como uma forma de opressão, já que é preciso manter o status “natural” da heterossexualidade. Oprime aqueles que ousam pensar, sentir, amar, experimentar uma outra identidade sexual que não seja a heterossexual.

Teixeira Filho (2008) em seu estudo Homossexualidades, homofobia e suicídio em adolescentes GLBTTT² aponta que as pessoas homossexuais são vitimizadas do seguinte modo:

1) Os homens homossexuais são vitimizados, pois, em sendo homo, se ‘igualam’ as mulheres na posição de eventual receptor do pênis. Logo, são vistos como ‘efeminados’, deixando de fazer parte do universo viril. Por isso o mito de que todo os homossexuais masculinos são categorizados de ‘mulherzinhas’, ‘desmunhecados’, ‘maricas’. 2) mulheres homossexuais são vitimizadas, pois, em sendo homo, supostamente deixam de cumprir sua função reprodutora e não são aceitas no universo viril, ainda que emasculadas, pois não possuem um pênis; e mais, ao se identificarem enquanto lésbicas, assumem uma postura ativa em relação ao seu desejo sexual; mas tal atividade é exclusiva do universo masculino, portanto, são rechaçadas por estes e pelas outras mulheres, pois quebram a barreira do silêncio em relação à suposta passividade feminina (BORRILLO, 2000 apud TEIXEIRA FILHO, 2008).

A Homofobia não é simplesmente medo, mas sim uma forma de opressão que acarreta várias conseqüências para quem é vitimizado por ela, como: 1) Negação da sua

² Sigla utilizada pelo autor para se referir à lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros.

orientação sexual (do reconhecimento de suas atrações emocionais e sexuais); 2) tentativas de mudar sua orientação sexual; 3) sentir-se que nunca se é suficientemente bom (com tendências para o perfeccionismo para ser aceito); 4) baixa auto-estima e imagem negativa do próprio corpo; 5) desprezo pelos membros mais assumidos e óbvios da comunidade LGBTTT; 6) negação de que a homofobia seja um problema social sério; 7) projeção de preconceitos num outro grupo alvo (reforçado pelos preconceitos já existentes na sociedade); 8) tornar-se psicológica ou fisicamente abusivo, ou permanecer em um relacionamento abusivo; 9) tentativas de passar por heterossexual, casando, por vezes, com alguém do sexo oposto para ganhar aprovação social ou na esperança de se ‘curar’; 10) práticas sexuais não seguras e outros comportamentos destrutivos e de risco; 11) separar sexo e amor e/ou medo de intimidade. Por vezes pouco ou nenhum desejo sexual e/ou celibato; 12) abuso de substâncias (incluindo comida, álcool, drogas e outras).

A homofobia traz conseqüências quando internalizada, mas também, de acordo com Borrillo (2009) constitui uma ameaça aos valores democráticos de compreensão e respeito pelo outro, pois promove a desigualdade entre os indivíduos em função de seus desejos, encoraja a rigidez dos gêneros e favorece a hostilidade do outro.

A homofobia deve ser considerada um problema social, “... uma agressão aos valores fundadores da democracia. Cada insulto proferido lembra a todos da existência de uma ordem sexual vigente e sua hierarquia” (BORRILLO, 2009, p. 43).

Nossa sociedade, ainda nos dias de hoje, tende a doutrinar comportamentos, rotulando como “antinatural” qualquer forma de transgressão das normas vigentes. Na escola, ao que parece, não é diferente, pois, ela também nos remete a pensar sobre os processos de normatização em torno da sexualidade e de que forma “corpos estranhos” passam a ser considerados “anormais”.

Assim sendo, a escola pode sim se constituir em um espaço homogeneizador, sexista e inflexível frente a situações não atendentes ao seu modelo disciplinar. Nesse sentido, no caso dos sujeitos LGBTT, os espaços escolares acabam por serem excludentes, culminando para o afastamento desses alunos e alunas do processo educativo formal e minando-lhes o “direito universal da educação”.

A Pesquisa em andamento

Toma-se como base para a análise desconstrutiva os dados do estudo transversal analítico– Apontamentos sobre o atentar contra a própria vida, homofobia e adolescências -



resultado da pesquisa “Adolescência e Sexualidades”. Trata-se de projeto de pesquisa aprovado em Edital em 2007 dentro do Acordo de Cooperação PN-DST/AIDS – SVS/Mistério da Saúde/BIRD/Unode (projeto ad/bra/03/h34 – acordo de empréstimo BIRD 4713-BR). Tal projeto foi desenvolvido em regime de parceria pelas seguintes instituições: ONG NEPS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades), na qualidade mantenedora, pelo Grupo de Estudos e pesquisas sobre Sexualidades (GEPS) vinculado ao Departamento de Psicologia Clínica da UNESP de Assis e em parceria com pesquisadores de outras instituições (UNESP – Presidente Prudente via NUDISE [Núcleo de Diversidade na Educação], UERJ, UnB, UFRGS, PUC/SP, C.O.R.S.A. e UNICAMP), respectivamente na qualidade de executoras/ES e colaboradoras/ES. Esse estudo, que foi encerrado em 2009 tinha o objetivo de criticar e abalar a oposição hetero/homossexualidade presente nos discursos dos alunos inseridos em escolas de ensino médio de três municípios do interior do Estado de São Paulo. Para essa pesquisa privilegiou-se dados relativos à uma escola de Ensino Médio de Presidente Prudente/SP.

Segundo Louro (2008), desconstruir um discurso significa minar, perturbar e subverter, jamais destruir.

Participaram do estudo piloto transversal analítico descritivo realizado em maio de 2008, 108 estudantes, de ambos os sexos, entre 14 e 20 anos cursando as três séries do Ensino Médio do município de Presidente Prudente. A escola em questão foi escolhida devido sua localização, pois assim, recebe alunos de todas as classes sociais. Por sorteio aleatório, os alunos da primeira e da terceira série, do período matutino, e da segunda série, do período noturno, foram convidados a participar da pesquisa. Aqueles que desejaram contribuir com o trabalho preencheram o questionário, auto-aplicado e anônimo, durante o período de uma aula.

Os alunos tinham idade média de 16 anos, sendo 55 (51.4%) do sexo feminino. No total, 99 (92.5%) respondentes se declararam heterossexuais, 1 (0.9%) se declarou gay, 1 (0.9%) disse ser lésbica, 2(1.9%) recusaram-se a se definir, 2 (1.9%) disseram não saber, e 2 (1.9%) assinalaram “outras” (as duas opções assinaladas como “outras” foram de um menino que escreveu “eu sou homem” e uma menina que escreveu “feminino”. Disso, podemos inferir que ambos não compreenderam a questão).

Um questionário adaptado ao modelo empregado em pesquisa realizada em 2001 pelo Centre Gai & Lesbien de Paris em colaboração com pesquisadores do CNRS, foi utilizado no estudo transversal analítico. Deste questionário, quatro questões foram

escolhidas, pois estas questões abordaram os conteúdos sobre crença e atitudes em relação à homo, hetero e bissexualidade, as experiências sobre práticas homofóbicas dirigidas a homo e bissexuais e sociabilidade: assumir ou não a homossexualidade. Contudo, como ainda a pesquisa encontra-se em fase de análise das respostas, apenas duas questões estão registradas neste artigo.

Para a utilização do estudo, o coordenador principal foi devidamente informado sobre seu uso e duas questões foram selecionadas para a presente comunicação, a 55 e a 95.

Questão 55: Faça um círculo no número que corresponde à sua resposta:

Homossexuais são uma ameaça para a sociedade?

A homossexualidade é um desvio e deve ser curada?

A homossexualidade é tão 'normal' quanto a hetero e/ou a bissexualidade?

Na questão 55 foram indagadas questões relativas à aceitação ou não das homossexualidades. Quando perguntado aos alunos e alunas se consideravam os homossexuais uma ameaça para a sociedade, 78,6% responderam que não, prevalecendo um discurso de tolerância e aceitação da pessoa homossexual e não da homossexualidade.

Ao comparar esta questão com outras, vimos que a homofobia está presente entre os alunos e alunas, pois, apesar de não considerarem os homossexuais uma ameaça para a sociedade 38% acredita que a homossexualidade seja um desvio e deva ser curada e 29,5% não acham a homossexualidade tão normal quanto à hetero ou bissexualidade.

A escola costuma padronizar as condutas e os pensamentos de seus alunos. Ao abordar o tema sexualidades, faz-se através de um discurso normativo e prescritivo do que seria uma boa conduta sexual, legitima algumas identidades e práticas sexuais e, através do silenciamento, marginaliza outras (LOURO, 2007).

Os alunos e alunas internalizam este discurso e o reproduzem. Aqueles e aquelas que deixam sua sexualidade invisível são aceitos, o que incomoda é vê-la exposta, marcada nos corpos. Estes transgridem a norma, desestabilizando-a no interior da escola, e ficam assim sujeitos a variadas formas de preconceito e exclusão, já que não estão dentro da fronteira do aceitável.

Questão 95: Caso você escute alguém contar piadas que ofendam às pessoas que não são heterossexuais, você:

[1] Irrita-se, mas finge que se diverte para que não pensem que você seja homossexual;

- [2] Irrita-se e pede para não rirem das pessoas por conta de sua orientação sexual;
- [3] Irrita-se, fica chateado(a) e sai discretamente do grupo, pois tem medo de dizer que você não gostou e pensem que você não seja heterossexual.
- [4] Diverte-se, pois acha normal (correto) fazerem piadas sobre as pessoas que não são heterossexuais.

Como resposta e resultados preliminares dessa pesquisa, 30 (32,6%) dos alunos e das alunas demonstraram irritação com as brincadeiras e pediriam para não rirem dos sujeitos por conta de sua orientação sexual, porém, 36 (39,1%) afirmaram divertir-se por achar normal este comportamento, mostrando que muitos dos alunos e das alunas internalizam o discurso homofóbico e o (re) produzem. Dessa forma procuram manter o status “natural” da heterossexualidade ao utilizar piadas e xingamentos para marcar a diferença e oprimir aqueles e aquelas que ousam manifestar uma outra sexualidade que “deve” ficar invisível.

Os dados acima mensurados revelam a construção social da sociedade atual. De acordo com Louro (2007) em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Como primeiros resultados aferidos pode-se afirmar que a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. Ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina. A resposta dos alunos é um espelho da perspectiva acima descrita.

Nossa cultura, nesse sentido, é permissível e pouco cidadã. Admite que piadas, apelidos jocosos e xingamentos sejam proferidos àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem.

Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade (LOURO, 2007, p. 29).

A próxima etapa da pesquisa prevê a análise desconstrutiva de outras três respostas obtidas do questionário referente à pesquisa “Adolescências e Sexualidade”. A proposta é

desconstruir, desestabilizar os discursos sobre as crenças e atitudes em relação à homo, hetero e bissexualidade e problematizar as experiências sobre práticas homofóbicas dirigidas a homo e bissexuais.

Concluimos essa comunicação, esperando que a análise desconstrutiva destas questões seja relevante para o estudo de gênero e das homossexualidades. Que estudos como este possam garantir o exercício da cidadania e que o reconhecimento de toda e qualquer diferença seja vista como positiva, pois o que torna os seres humanos iguais é a capacidade de se expressarem diferentemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Orgs). **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: Ed. UnB, 2009.

BUTLER, Judith. O Parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, n. 21, 2003, p. 219 – 260.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, G.L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 151 – 172.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol I, e III. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Assassinatos de homossexuais no Brasil**: 2005. Disponível em: www.ggb.br Acesso em 28 Mai. 2008.

LOURO, G. L. Teoria Queer – Uma política pós-identitária para educação. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, 2001, p. 541-553.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma Perspectiva Pós-estruturalista**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, 2007.



_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MISKOLCI, R.; SIMÕES, J. A. Apresentação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, 2007, p. 9 – 18.

MISKOLCI, Richard. Comentário. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007, p. 55-63.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007, p. 19-54.

_____. **Between Men**: english literature and male homossexual desire. New York: Columbia University, 1985.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SMIGAY, Karin Ellen von. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, n.8, p. 32-46, jun.2002.

TEIXEIRA-FILHO, F. S; MARRETTO, C. **Apontamentos sobre o atentar contra a própria vida, homofobia e adolescências**. *Revista de Psicologia da UNESP*.

WARNER, M. **Fear of a Queer Planet**: Queer Politics and Social Theory. Londres: University of Minnesota, 1993.